
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

REVISTAS CONTEMPORÂNEAS DE POESIA EM PORTUGAL: ALGUMAS CENAS CRÍTICAS

Ida Maria Santos Ferreira Alves¹ (UFF)

RESUMO: Neste artigo, objetivamos apresentar alguns trajetos portugueses de produção, circulação e recepção críticas de /sobre poesia na atualidade. Para isso, apresentamos três revistas de poesia referenciais editadas a partir dos anos 90, em Portugal, quais sejam: *relâmpago*², *Cão Celeste* e *Telhados de Vidro*. O estudo desses veículos de divulgação de poesia e de sua crítica demonstra algumas trilhas importantes na discussão das poéticas contemporâneas e ressalta algumas vozes líricas e ensaísticas marcantes nesse contexto. Buscamos ainda dar relevo ao modo como cada uma dessas revistas elabora suas estratégias de partilha do trabalho poético e reflexivo com seus leitores, construindo determinadas cenas críticas. Algum diálogo com a produção poética e ensaística brasileira sobre poesia contemporânea também é observado, inclusive com referência direta à revista *Inimigo Rumor*.

PALAVRAS-CHAVE: poesia portuguesa contemporânea; revistas de poesia; crítica de poesia.

Pensar a cultura do nosso presente, com circulação em diferentes meios de comunicação e no domínio do espaço virtual, exige refletir atentamente sobre o impacto desses meios e dos modos de produção e recepção de fatos, ideias e imaginários, analisando-se estratégias de divulgação e demandas de receptores. No campo da poesia, produção sempre mais à margem e menos circulante no cotidiano, a utilização de todos os canais de comunicação é fundamental para ampliar seu trânsito entre mais leitores. Nesses meios igualmente circulam cada vez mais a produção crítica sobre poesia contribuindo para chamar a atenção sobre obras e poetas. Academicamente, a crítica internacional de poesia conta, sem dúvida, com um volume expressivo de obras impressas relativamente recentes que abordam o fato poético sobre diversas perspectivas, questionando sua circulação e suas possibilidades de ressonância na sociedade contemporânea. Em termos de discussão teórica, houve não só a expan-

1 Idalves@vm.uff.br - <http://lattes.cnpq.br/3867249505168299>

2 O título dessa revista é grafado em minúsculas.

são dos estudos sobre lirismo, especialmente na França, com Michel Deguy, Henri Meschonnic, Jean-Marie Gleize, Jean-Michel Rabaté, Jean-Michel Maulpoix, Michell Collot, Jean-Claude Pinson, Martine Broda, e Dominique Combe, como se adensou a problematização sobre a própria crítica, tanto no campo da cultura, da arte, como da poética, como é possível acompanhar em obras de autores diversos como Marjorie Perloff, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman.

Como constatamos diariamente, no contexto atual de multiplicidade de imagens, domínio tecnológico e indiferenciação cultural, por meio de estratégias que visam a massificação de desejos e de experiências em escala global, acentua-se a necessidade de acompanhar os poetas de agora a respeito da discussão crítica sobre o que produzem e sua relação com o leitor / ouvinte, enfrentando à sua maneira as tensões decorrentes da sociedade atual. Falou-se, durante algum tempo, em crise da literatura, numa espécie de réquiem inevitável, mas hoje a questão é compreender como a crise é inerente ao ato estético, condição necessária para sua permanente oxigenação e superação de paradigmas. Em relação à poesia, o que se constata é sua contínua e sempre renovada produção, pelas habilidades de deslocamento de repertórios, retóricas e autocrítica. Ora, parece bastante produtivo ler a poesia atual, em nosso caso, a portuguesa, a partir dessas habilidades, formulando-se a hipótese de que hoje se faz de forma mais intensa a dramatização da própria escrita em situação limite (de sentido, de importância, de resistência) como um modo crítico dos poetas contemporâneos trabalharem com a tradição e com seu presente. Sob essa perspectiva, a questão da comunicabilidade em poesia, tema que se tornou bastante provocativo nos anos 90, passa a ser não o resultado previsível de um trabalho enfraquecido de linguagem estética, mas a encenação crítica da produção, circulação e recepção da poesia mais recente, questionando-se constantemente as relações entre poeta e leitor, leitor e poema, poema e mundo. Como linguagem de atrito (Lopes 2003), podemos entender a poesia deste nosso tempo como um auto de fé de si própria ou, como indica Siscar, espaço crítico por excelência, já que, nele, “A liberdade de dizer tudo e a impossibilidade de responder se aproximam, num oxímoro fulminante” (2010: 50).

No ensaio “As desilusões da crítica de poesia”, tratando da produção brasileira, Siscar enfrenta igualmente as fragilidades, hoje, da crítica de poesia em aceitar as derivas que a escrita poética pode tomar, invocando sempre ideias de esgotamento, esvaziamento, apatia e outras noções afins de menor força em relação a paradigmas modernos incontornáveis da poesia brasileira. Ao questionar essas percepções, Siscar levanta o problema que talvez mais importe no âmbito do trabalho crítico: a dificuldade de trabalhar com o que lhe é contemporâneo, pois é exatamente a imersão no tempo informe que gera a cegueira frente ao que *há* e a ânsia de reencontrar o que *já foi*. Essa deriva talvez seja o ponto mais denso de se pensar o gesto crítico ansioso de constituir a “contemporaneidade” como valor maior de sentido da arte. Ora, o que se pode problematizar aí é não o ato de crítica em si, não o agente da crítica, mas a *temporalidade* como chave de leitura do gesto literário, especialmente poético. Diante disso, o fecho do ensaio do poeta e crítico brasileiro é realmente elucidativo: “Não há como falar de poesia sem considerar historicamente nossa *necessidade* de crise. Só assim seria possível recolocar de outro modo a relação entre “crítica” e

“poesia”, discursos que separamos e opomos, mas que reagem às instabilidades da cultura de maneira semelhante e são, por assim dizer, cúmplices (não apenas neutros intérpretes) da situação e do devir histórico da literatura” (Siscar 2010: 181).

Para dar conta do fato poético, colaborando para sua compreensão e expansão, o trabalho crítico é indispensável. Este manifesta-se hoje em dois espaços dominantes: um é o acadêmico, com a produção de artigos publicados em periódicos acadêmicos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses; outro é o espaço comercial ou eletrônico gratuito com suas revistas, jornais, blogs e sites que atingem o grande público interessado em cultura, fora da Universidade, divulgando autores, obras e chamando a atenção para o que se vai fazendo contemporaneamente. Como defende Pires (1984: 19), “os periódicos literários são um testemunho elucidativo de uma época, do pulsar do tecido social, das suas contradições” e “constituem, no dizer de Paul Valéry, um laboratório onde se experimentam novas ideias e formas, onde se confrontam as mundividências e se ensaiam outras maneiras de as explicitar.”

Sem dúvida, temos agora, no espaço virtual, acesso a diversos materiais de crítica e expandiu-se o ato crítico (em graus diversos de importância...) sem preocupação com limites geográficos ou controles de saberes. Foi já sob o impacto da comunicação eletrônica, que se renovaram, por exemplo, laços entre a crítica de poesia brasileira (carioca e paulista) e portuguesa, quando, por exemplo, no caso da revista *Inimigo Rumor*, então codirigida pelo poeta Carlito Azevedo, iniciou-se conversa por e-mail com o crítico e editor português Osvaldo Silvestre, o qual mantinha em codireção uma revista *on-line* que vinha atingindo grande público virtual naquele momento, a *Ciberkioski*, criada em 1998 e que durou até 2002. Essa revista eletrônica portuguesa causou forte impacto e tornou-se um espaço original não só de pensamento da poesia e da cultura em geral, como foi ponto de encontro entre poetas, críticos e leitores que, talvez, sem a internet, não se conheceriam ou dialogariam.

A *Inimigo Rumor*, cujos dois primeiros diretores foram Carlito Azevedo e Júlio Castagnon, depois substituído por Augusto Massi, era impressa e quadrimestral. Tinha como escopo a publicação de poemas e textos críticos ou outros materiais relacionados à poesia originados de poetas de diversos países. No seu primeiro número, em 1997, homenageava os poetas brasileiros dos anos 60, publicando uma carta inédita de João Cabral de Melo Neto. Nesse número, a revista valorizava o experimentalismo, mas também o rigor, o que era chamado de vitalismo estético. A partir do n. 11, em decorrência desse diálogo que se instalou entre Carlito Azevedo e Osvaldo Silvestre e mais parceiros nas lides editoriais, torna-se então uma revista de poesia luso-brasileira, com publicação simultânea nos dois países (editora Cosac Naify, no Rio, e parceria editorial Cotovia / Angelus Novus, em Lisboa / Coimbra.). Integraram o comitê editorial diversos novos (naquele momento) poetas brasileiros como Marcos Siscar, Marília Garcia, Anibal Cristobo, Heitor Ferraz, Isadora Travassos, Valeska de Aguirre e Leonardo Martinelli. Dos portugueses, há que se referir, para além de Osvaldo Silvestre, Manuel Lindeza Diogo e Pedro Serra, ensaístas então igualmente jovens e com circulação universitária, que se destacavam por abordagens críticas bastante originais.

A conversa entre eles possibilitou um encontro intenso de interesses poéticos e editoriais, tornando-se a *Inimigo Rumor* uma revista de forte circulação luso-brasileira. Em decorrência, a revista impressa sofreu uma mudança acentuada de perfil ao trazer para suas páginas a poesia contemporânea portuguesa, seus nomes mais referenciados e ensaístas portugueses de poesia. Em suas páginas começaram a aparecer para o leitor brasileiro interessados nomes e obras poéticas até então ignoradas pelo leitor comum. Esse foi o caso da poesia de Adília Lopes, que começou a estar presente nas páginas da revista e se expandiu rapidamente entre o público brasileiro de poesia, possibilitando logo a edição entre nós de uma antologia de sua poesia. Adília Lopes tornou-se uma poeta portuguesa contemporânea bastante conhecida no eixo Rio – São Paulo sobretudo, pois sua poesia, com dicção diferente dos demais poetas portugueses coetâneos, parecia dialogar muito bem com o tipo de poesia brasileira crítica, irônica e não canônica que então se praticava de forma mais acentuada, na ressonância da poesia marginal dos anos 70 e 80. No entanto, infelizmente, o projeto de união das direções portuguesa e brasileira não perdurou por muitos números, pois o projeto começou a ficar custoso e mais complexo (a revista praticamente tornou-se um “livro” no seu formato e seu planejamento interno tornou-se mais denso) dependendo de imenso trabalho dos dois lados. Mas, enquanto durou o projeto dialogante, instituíram-se modos interessantes e diversos de fazer crítica de poesia e de valorizar vozes poéticas contemporâneas dos dois espaços geográficos.

Entretanto, do lado português, também na década de 90, mais precisamente em 1997, iniciou-se uma nova revista de poesia intitulada *relâmpago*, editada pela recém-formada Fundação Luis Miguel Nava, em homenagem ao poeta desse nome, falecido de forma trágica dois anos antes, com direção de poetas como Gastão Cruz, nome consagrado, Fernando Pinto do Amaral, poeta e crítico mais jovem, além do ensaísta Carlos Mendes de Sousa, um especialista também em literatura brasileira, sobretudo Clarice Lispector. Em seu Conselho Editorial, a participação ainda de outros poetas como Paulo Teixeira e, mais tarde, Luis Quintais. A *relâmpago* continua a existir em formato impresso e neste ano (2018) já publicou o número 39, voltada sobretudo para a poesia portuguesa, mas com alguma atenção a poetas e ensaístas estrangeiros, especialmente brasileiros. Cada número da revista é temático, ora dedicando-se a um poeta português específico, ora discutindo alguma proposta teórica ou crítica que, por seu interesse, provoque o diálogo entre poetas, ensaístas e críticos. Busca divulgar constantemente a produção poética portuguesa, mas sem objetivos vanguardistas ou de polêmica. Seu perfil, na verdade, se delinea na grande atenção à produção lírica moderna e contemporânea, confrontando a tradição do moderno com as demandas do contemporâneo. É uma revista indubitavelmente referencial para conhecer a poesia publicada em Portugal ao longo do século XX (sendo assim uma espécie de repositório da tradição moderna) mas também acolhe ou discute, no XXI, alguns caminhos novos no seguimento do que se vai publicando em Portugal e fora.

Ao examinar todos os números impressos da *relâmpago* (somente seus sumários estão publicados *on-line*) podemos constatar como essa revista buscou retomar o diálogo com poetas brasileiros e algum ensaísmo. Alguns de nossos poetas com seus

poemas estão presentes em suas páginas como Marcos Siscar, Eucanaã Ferraz, Duda Machado, Julio Castañon, Leonardo Fróes, Paulo Henriques Britto, Ronald Polito, Cláudia Roquette-Pinto, Ferreira Gullar, Nelson Ascher, Adelia Prado e há ainda alguma reflexão sobre vanguardas como o Concretismo, o Neoconcretismo com poetas como Hércules Barsotti, Augusto Campos, Haroldo de Camps e Affonso Ávila. Também alguns ensaístas brasileiros, professores de literatura portuguesa, tiveram artigos seus publicados como Jorge Fernandes da Silveira, referência maior dos estudos brasileiros sobre poesia portuguesa pós-60, e mais recentemente Luis Maffei, também poeta e professor de literatura portuguesa. Há algumas outras contribuições pontuais de pesquisadores brasileiros sobre autores específicos como Gilda Santos a tratar de Jorge de Sena. Também escreveram para *relâmpago* Ana Cristina Chiara, Júlio Castañon Guimaraes, Heloísa Buarque de Holanda e Silviano Santiago, nomes bastante conhecidos nos estudos de poesia, sobretudo os dois últimos.

O número 7 dessa revista, de outubro de 2000, foi tematicamente dedicado à poesia brasileira atual, com predomínio de artigos críticos brasileiros e publicação de alguns poetas. Não é um número extenso nem especialmente impactante, mas retomou um diálogo que estava muito diminuído. Desde então, em números com temática geral, poetas brasileiros, por vezes, são chamados também a opinar ou a publicar ensaios ou poemas. No entanto, o que se percebe é que o conjunto de poetas brasileiros trazidos à *relâmpago* são aqueles mais conhecidos no sudeste do Brasil e com relações mais próximas com os membros da comissão editorial da *relâmpago*, facilitando o convite. Não há enunciação de nenhum projeto de ampliar o diálogo com a poesia brasileira para além da produção já conhecida de nomes do Rio de Janeiro e São Paulo ou, pelo menos, aí editados e reconhecidos. Verificar os valores críticos que estão presentes por trás desse diálogo e em outras páginas da revista ao longo de seus números e os questionamentos teóricos que podem embasar um modo de pensar a poesia em português é o que vem nos interessando no momento.³

Nesta análise inicial e inevitavelmente imperfeita, vemos que o tratamento dado à poesia brasileira é rarefeito e ocasional, mas é verdade também que, ao estarem presentes em suas páginas, os poetas brasileiros convidados ganharam certa visibilidade em Portugal. Disso resultou também, mais recentemente, um movimento um pouco maior de edições portuguesas de poesia brasileira, o que se percebe no exame atual (2018) de prateleiras de livrarias dedicadas à venda de poesia, em Lisboa e Porto. Entretanto, ainda é necessário levantar como são realizadas as leituras dessa produção brasileira, que valores são destacados, que diálogos são efetivamente travados. Por outro lado, interessa-nos ainda examinar, em outras revistas portuguesas que se afastam do perfil de *relâmpago*, suas escolhas, caminhos de reflexão e as forças tensionadas que se expõem em suas páginas, como referiremos adiante.

Do lado brasileiro, está havendo, na atualidade, um interesse mais alargado pela produção poética portuguesa contemporânea, já que alguns editores de revistas e jornais de poesia são oriundos de cursos de Letras, conheceram nesse espaço poetas e obras mais recentes e puderam, com a facilitação da comunicação eletrônica, iniciar

3 Projeto de pesquisa “Cenas de Leitura Vozes e Revistas Portuguesas de Poesia Contemporânea”, UFF/CNPq (2017-2020).

diálogos, fazer parcerias e até mesmo criar laços de amizade mais duradoura. Alguns desses editores ou integrantes de conselhos editoriais defenderam mestrado ou doutorado sobre poesia portuguesa, por exemplo Claudio Daniel (em *Zunái*) ou Mauricio Salles Vasconcelos (em *Sibila*) e levam para as revistas, mais virtuais que impressas, seus interesses acadêmicos de leitura. Por trás desse movimento, a vontade maior de perceber horizontes de trabalho, as redes instituídas, as relações problematizadas, o que nos auxilia pensar um quadro mais oxigenado sobre poesia em língua portuguesa. Também é interessante observar como se constituem e até mesmo como se diferenciam o poeta-crítico (um leitor eclético) e o crítico acadêmico (um leitor especializado e mais direcionado) traçando ambos genealogias, heterodoxias e linhas de transformação do poético na contemporaneidade, constituindo ou desconstituindo cânones poéticos.

Nos anos 2000, outras revistas de ou sobre poesia surgiram em Portugal. Entre elas, destacamos duas, também impressas, que se mantêm até a atualidade e são reconhecidas, no país e entre os leitores de poesia, como revistas de impacto nessa área, com objetivos e práticas diversas de relâmpago. Intitulam-se *Cão Celeste* (último número consultado, o 12, publicado em dezembro de 2017⁴) e *Telhados de Vidro*, ora no número 22 (novembro de 2017), com tiragem igualmente de 500 exemplares. Essas duas revistas, dirigidas por um casal de editores (Averno) / poetas, Manuel de Freitas e Inês Dias, vêm gerando algumas fricções de sentido e de propostas no cenário lírico português, abrindo-se para a participação de diferentes autores, todos convidados a partir de uma demanda editorial: “Há um lado ético que está para lá do texto: só convidamos alguém cuja postura ética nos inspire alguma cumplicidade.” (Manuel de Freitas, citado por Luis Miguel Queirós, em resenha de 25 de setembro de 2015, no suplemente Ipsilon, do *Jornal Público*). Apresentam-nos um panorama muito diversificado da situação poética pós-90.

Neste segundo momento de nossa análise, vamos nos deter sobre elas, com apresentação mais detalhada. No número 1 da *Cão Celeste*, lemos no primeiro editorial, abril de 2012:

Algures entre o jornal e a revista, o *Cão Celeste* pretende apenas ganhar, ladrar com raiva ou paixão, amar ou odiar sem peias aquilo que o mundo quotidianamente lhe dá a ver. De seis em seis meses, os leitores interessados terão notícias nossas.

Mas não somos um grupo, não obedecemos a qualquer cartilha literária ou política que possa servir para classificação geral. Este é, antes de mais, um espaço de encontro entre pessoas que ainda consideram urgente o livre exercício da crítica, do pensamento ou da revolta. E é justamente em nome dessa precária liberdade que prescindimos de qualquer apoio exterior, passível de condicionar os nossos gestos. Repudiamos, de modo inequívoco, o acordo ortográfico pretensamente em vigor - e fazemos questão de sublinhar, sempre que possível, essa repulsa. Mas temos outros ódios, claro - e, felizmente, afectos

4 Tiragem indicada de 500 exemplares. Há uma falha de indicação do ano de impressão: “Dezembro de 2018”.

e devoções não menos intensos. Apesar de tudo, e ainda que de longe em longe, a lanterna de Diógenes mantém o seu esquivo e necessário fulgor.

Essa revista vem se caracterizando por reunir ensaístas, articulistas que se interessam por poesia e cultura contemporâneas. Apresenta mais textos de crítica do que propriamente poemas, mostrando-se, no folhear de suas páginas, muito mais prosa do que verso. É também ilustrada, valorizando-se o grafismo e a visualidade estética. Comenta, discute e critica práticas e produções culturais circulantes, ultrapassando o interesse somente poético. Seus colaboradores são nomes recorrentes na área crítica de poesia como Rosa Maria Martelo, Silvina Rodrigues Lopes, António Guerreiro, João Barrento, unidos aos editores Manuel de Freitas, Inês Dias e poetas coetâneos como José Miguel Silva, David Teles Pereira, Diogo Vaz Pinto e outros mais. A cada número, ao lado desses nomes, outras vozes menos citadas ou referenciadas. Apesar dessa mobilidade de autoria, todos parecem irmanados numa visão ética sobre a sociedade contemporânea e no questionamento sobre a potência e a impotência da própria poesia, da crítica de poesia, da arte, em geral.

Já sobre *Telhados de Vidro*, explica seu coeditor, numa citação longa:

A *Telhados de Vidro* surgiu em Novembro de 2003, graças ao esforço conjunto de Inês Dias, Manuel de Freitas e Olímpio Ferreira. Foi o Olímpio, há que dizê-lo, quem deu rosto e personalidade gráfica a esta revista. E é por respeito ao seu trabalho – e *in memoriam* – que temos mantido as sóbrias mas eficazes (e belas) opções gráficas que o Olímpio connosco partilhou.

A *Telhados de Vidro*, desde o primeiro número, escolhe previamente os colaboradores. Trata-se, muito simplesmente, de uma questão de gosto (o da direcção, claro) e de uma recusa em convidar autores que não respeitemos quer enquanto artistas, quer enquanto pessoas. Não existe, portanto, nem uma poética minimamente comum nem a veleidade de constituir qualquer programa, movimento ou tendência. Existirá, isso sim, uma *ética* semelhante: os autores até aqui incluídos na revista têm uma clara aversão ao espectáculo cultural, à pornografia mediática, às ânsias festivaleiras. Com registos e idades muito diversas, os autores que foram comparecendo na *Telhados de Vidro* são a prova evidente de que esta não é, ao contrário do que um cretino escreveu, «o órgão teórico oficial do grupo dito dos “poetas sem qualidades”». Ainda que à revelia da direcção – que não vai em grupos, e teorias, então, só se estiverem muito bem sentadas -, duvidosamente Hölderlin, Marcial, Rui Nunes, Louise Glück, Herberto Helder, Ana Teresa Pereira, António Barahona ou Rosa Maria Martelo se reveriam nesse rótulo grosseiro. Até porque, sublinhe-se, a *Telhados de Vidro* não é uma revista de poesia; é uma revista, apenas, com espaço para a prosa, a tradução, o ensaio, a recensão.

Interessa-nos, acima de tudo, uma certa liberdade (já que a «liberdade livre» é, para nós, demasiado utópica). E, por isso mesmo, não temos periodicidade obrigatória, nem qualquer apoio financeiro exterior. É ainda em nome dessa precária mas possível liberdade que não fazemos números temáticos. Cada

autor por nós convidado pode escrever sobre o que bem lhe apetecer, e da forma que lhe parecer melhor. Cumpre-nos, depois, fazer a revisão, a edição, a distribuição. E colocar a revista onde a sabemos desejada – e apenas aí, pois já tivemos calotes e imposturas mais do que suficientes.

O número 1 da *Telhados de Vidro* tinha 96 páginas; o mais recente tem 184 páginas. Não crescemos, nestes oito anos, em ambição ou visibilidade. Cresceram, tão-só, alguns afectos – que conduziram a outros afectos e modos de escrita. Foi (está a ser) um fenómeno natural, de afinidades que se vão estabelecendo. O facto de esta ser uma revista de amigos – que jantam ou sofrem juntos, que se preocupam uns com os outros, que se admiram reciprocamente – é algo que não nos incomoda nada. Já temos, lá fora, inimigos que cheguem.

Essa revista que está agora no número 22 (2017), com 286 páginas, apresenta um projeto gráfico diferente em relação à revista anteriormente apresentada. *Cão Celeste* é um volume maior de 27cm x 22cm, com capa que vem variando de cor e grafismo ao longo dos números. No início, o sumário vinha impresso já na capa. Números depois, esta é mais limpa, apenas com o título da revista e alguma ilustração abstrata. Já *Telhados de Vidro* é um volume pequeno (17,5cm x 13cm) que tem mantido sua capa nas linhas gerais de diagramação, variando-se cores e desenhos. Em termos de extensão ambas começaram com menos de 100 páginas e vêm aumentando a cada número. Embora as duas sejam dirigidas por Manuel de Freitas e Inês Dias, *Telhados de Vidro* tem conteúdo diferente, já que ocupa a maior parte de suas páginas, a cada número, com poemas, entremeados de resenhas críticas ou mesmo algum ensaio não muito extenso. Seus volumes parecerem, a grosso modo, pequenas antologias. Escrevem nela os mesmos nomes referenciais citados em *Cão Celeste* ao lado de jovens críticos ou poetas e também Manuel de Freitas e Inês Dias. Em ambas, a ideia de autores convidados por partilharem uma ética editorial e uma ética estética.

No seu número 1, destacamos o ensaio de Antonio Guerreiro, “Um pouco de vida, um pouco de poesia”, que faz a avaliação da situação da poesia portuguesa daquele momento, situando suas tensões e questões. Não só aborda o que então chamava a atenção dos leitores, a “polêmica” de “os poetas sem qualidades”, como contextualiza forças de criação e de crítica, destacando o modo como o poeta e crítico Joaquim Manuel Magalhães foi lido e compreendido pelos poetas mais novos de 90, sendo configurado e desfigurado ao mesmo tempo por abordagens críticas que lhe deram papel central na cena poética e crítica dos anos 80 e 90. O texto de Guerreiro é bastante interessante na descrição de cenas de leitura e de escrita que tratam de poesia, experiência e vida, lirismo e ética, tradição e inovação no campo da poética portuguesa mais recente.

Segue-se ao texto de Guerreiro, o ensaio de Silvina Rodrigues Lopes intitulado “A anomalia poética”, que questiona fortemente a crítica que tenta aprisionar a poesia em definições ou classificações inúteis, desfazendo-se em abordagens igualmente inúteis que não sabem valorizar exatamente a poesia como linguagem insurrecta, anômala, e por isso extremamente necessária numa sociedade massificada por uma política cultural mercadológica.

Esses dois textos que fecham o número 1 da *Telhados de Vidro* servem, para o leitor, como reflexões-chave para entender o projeto não só dessa revista como também da *Cão Celeste*, na medida em que ambas as revistas desconstroem cenas tradicionais de leitura de poesia e elaboram espaços móveis de ideias, concepções e questões sobre os lirismos (não mais o singular essencialista, mas a pluralidade de opções...) que se cruzam, confrontam-se na atualidade. No último número publicado, domina um conjunto de poemas com a indicação “A antologia em 2017”, com a epígrafe “É leve e puro e dança nos abismos” (Raul de Carvalho, *A Casa Abandonada*, Lisboa: Edição do Autor, 1977). São listados 40 participantes, em ordem alfabética, sem diferenciação entre poemas, entrevista, resenha ou ensaio. Nomes conhecidos ou novos, mais ou menos presentes. A atravessar todos os textos, poesia, poesia, poesia.

A análise mais vertical dessas revistas poderá demonstrar quais questões estão preocupando aqueles que fazem e pensam poesia no espaço de língua portuguesa. Desde agora, podemos afirmar que *Cão Celeste* discute a atuação do poeta na contemporaneidade como ação crítica sobre produzir arte e cultura num tempo de massificação e indiferença pelo lugar do outro. Fortemente questionadora, une literatura, política e ética. *Telhados de Vidro* propõe-se como lugar de acolhida do diverso, valorizando poemas e poetas, sem um elenco fixo. Já *relâmpago* apresenta e preserva tradições poéticas em diferentes momentos, com projeto gráfico fixo e estrutura interna mais conservadora. Nas três circulam as vozes portuguesas modernas e contemporâneas da poesia e do ensaísmo sobre arte e poética, com alguma participação estrangeira, inclusive brasileira. Ainda é necessário um olhar mais depurado no exame dessas revistas contemporâneas de poesia, mas, sem dúvida, podemos dizer que, no presente, elas contribuem fortemente para divulgar um panorama português de produção poética, tanto no âmbito da realização de poemas, tanto quanto na exposição crítica e ensaística, bastante atentas que são ao tempo de agora, suas demandas, meios e modos de criação e de recepção de poesia.

OBRAS CITADAS

Cão celeste. Lisboa: s.e, ns. 1 a 12, 2012-2017.

INIMIGO RUMOR. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora (7Letras) / Lisboa: Cotovia, ns. 1 a 20, 1997-2008.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos - sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

PIRES, Daniel. *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.

relâmpago. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava, nºs 1 a 39, 1997-2018.

QUEIRÓS, Luís Miguel. Uma revista com qualidades. Coluna Livros. Suplemento ípsilon do *Jornal Público*, 25 de setembro de 2015.

Telhados de vidro. Lisboa: Averno, ns. 1 a 22, 2003 -2017.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Editora Unicamp, 2010 .

CONTEMPORARY POETRY MAGAZINES IN PORTUGAL: A FEW CRITICAL SCENES

ABSTRACT: In this article, we aim to present some Portuguese routes of production, circulation and critical reception of / on poetry in the present time. For this, we present three reference poetry magazines edited from the 90s, in Portugal, namely: *relâmpago*, *Cão Celeste* e *Telhados de Vidro* . The study of these vehicles of dissemination of poetry and its criticism demonstrates some important trail in the discussion of contemporary poetics and highlights some remarkable lyrical voices and essay writers in this context. We also seek to highlight how each of these magazines elaborates its strategies of sharing poetic and reflective work with its readers, constructing certain critical scenes. Some dialogue with Brazilian poetry and essays on contemporary poetry is also observed, including with reference to the magazine *Inimigo Rumor*.

KEYWORDS: contemporary Portuguese poetry; poetry magazines; criticism of poetry.

Recebido em 7 de maio de 2018; aprovado em 2 de dezembro de 2018.